

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
Introdução: Por que escrever um livro sobre oração?	11
PRIMEIRA PARTE — DESEJANDO A ORAÇÃO	
UM A necessidade da oração	19
DOIS A grandiosidade da oração	29
SEGUNDA PARTE — COMPREENDENDO A ORAÇÃO	
TRÊS O que é oração?	43
QUATRO Conversar com Deus	61
CINCO Encontrar Deus	77
TERCEIRA PARTE — APRENDENDO A ORAR	
SEIS Cartas sobre a oração	95
SETE Regras para a oração	107
OITO A oração das orações	117
NOVE As pedras de toque da oração	127
QUARTA PARTE — APROFUNDANDO A ORAÇÃO	
DEZ A oração como conversa: meditando em sua Palavra	147
ONZE A oração como encontro: buscando sua face	165
QUINTA PARTE — COLOCANDO A ORAÇÃO EM PRÁTICA	
DOZE Veneração: louvando sua glória	187

8 ORAÇÃO

TREZE	Intimidade: encontrando sua graça	201
CATORZE	Luta: pedindo sua ajuda	217
QUINZE	Prática: a oração diária	231
<i>Apêndice: Outros modelos de oração diária</i>		<i>253</i>
<i>Bibliografia comentada sobre oração</i>		<i>257</i>

Agradecimentos

Nenhum livro fica legível se escrito por uma só pessoa. Os *feedbacks* do meu editor, Brian Tart, da minha esposa, Kathy, e de Scott Kauffman, meu colega no ministério City to City, tornaram este livro melhor do que jamais teria sido sem a cooperação deles. Meu agradecimento se estende também àqueles que me possibilitaram escrevê-lo nos períodos em que, todos os anos, ausento-me para estudar: Janice Worth, Lynn Land, Mary Courtney Brooks e John e Carolyn Twiname. Sempre agradeço a meu editor, Brian Tart, e a meu agente, David McCormick, por toda a ajuda, mas, a cada livro novo — e este é nosso décimo volume juntos —, aprendo a enxergar a grandiosidade da minha dívida para com eles.

INTRODUÇÃO

Por que escrever um livro sobre oração?

Há alguns anos percebi que, como pastor, eu não dispunha de um livro que pudesse recomendar a alguém desejoso de entender e praticar a oração cristã. Isso não quer dizer que não existam livros excelentes sobre o assunto. Grande parte dessas obras mais antigas contém muito mais sabedoria e são bem mais tocantes do que qualquer coisa que eu poderia escrever. Seguramente, o que há de melhor sobre oração já foi escrito.

No entanto, muitos desses livros excelentes se encontram numa linguagem arcaica, inacessível à maior parte dos leitores contemporâneos. Além disso, tendem a ser primordialmente teológicos, ou devocionais, ou práticos, raras vezes combinando teologia, experiência e metodologia em uma mesma obra.¹ Uma obra sobre a essência da oração deveria tratar dessas três coisas. E quase todos os clássicos sobre oração dedicam boa parte do tempo advertindo os leitores quanto a práticas de sua época que eram inúteis ou mesmo nocivas em termos espirituais. É preciso atualizar tais advertências para os leitores de cada geração.

Dois tipos de oração?

Já os autores mais recentes de obras sobre o tema são propensos a defender um de dois pontos de vista. Hoje a maioria enfatiza a oração como meio de experimentar

¹Jonathan Edwards ilustra bem isso. A maneira pela qual trata a experiência espiritual é incomparável. Sua obra *Religious affections* [Afeições religiosas] e o sermão “A divine and supernatural light” [Uma luz divina e sobrenatural], por exemplo, descrevem em detalhes a “percepção, do coração”, que é a essência do encontro espiritual com Deus. Todavia, Edwards pouco fala de metodologia, ou seja, sobre como meditar e orar.

o amor de Deus e a união com ele. Eles prometem uma vida de paz e descanso perene em Deus. Os escritores adeptos desse ponto de vista costumam dar testemunhos radiantes de que se sentem habitualmente cercados pela presença divina. Outros livros, por sua vez, consideram a essência da oração não como o descanso interior, mas como uma súplica a Deus para que traga o seu reino. Nesse segundo ponto de vista, a oração é considerada um embate em que, quase sempre — ou talvez em geral — não há um senso claro da presença imediata de Deus. Uma obra desse tipo é *The still hour* [Hora de sossego], de Austin Phelps.² Sua premissa é que o senso da ausência de Deus é a regra para o cristão em oração, e que experimentar a presença de Deus é difícil de acontecer à maioria das pessoas.

Outro livro com a mesma abordagem é *The struggle of prayer* [O embate da oração], de Donald G. Bloesch. Ele critica o que chama de “misticismo cristão”.³ Opõe-se ao ensino de que o objetivo supremo da oração é a comunhão pessoal com Deus. Considera que isso faz da oração um “fim em si mesmo” de caráter egoísta.⁴ Do seu ponto de vista, o intuito maior da oração não é a reflexão pacífica, mas a súplica fervorosa para que o reino de Deus venha a se concretizar no mundo e em nossa vida. O objetivo máximo da oração é a “obediência à vontade de Deus, não a contemplação do seu ser”.⁵ Ela visa acima de tudo conformidade aos propósitos divinos, e não um estado interior.

O que explica essas duas visões, às quais poderíamos chamar de oração “centrada na comunhão” e oração “centrada no reino”? Uma explicação é que ambas refletem a experiência concreta de cada pessoa. Algumas percebem certa frieza nas próprias emoções para com Deus e encontram extrema dificuldade para fixar a atenção no ato de orar, mesmo por poucos minutos. Outras experimentam com regularidade o sentimento da presença de Deus. Isso explica ao menos em parte a diversidade de pontos de vista. Contudo, as diferenças teológicas também têm seu papel. Bloesch argumenta que a oração mística combina melhor com a visão católica de que a graça de Deus nos é infundida

²Austin Phelps, *The still hour: or communion with God* (Carlisle: Banner of Truth, 1974), p. 9.

³Donald Bloesch, *The struggle of prayer* (Colorado Springs: Helmers and Howard, 1988). Bloesch segue muito de perto a tipologia e o argumento de Friedrich Heiler, que escreveu sobre oração “mística” versus “profética”. Analisaremos a obra de Heiler e essa distinção com mais detalhes no capítulo 3.

⁴Bloesch, *Struggle of prayer*, p. 131.

⁵Ibidem, p. 154.

diretamente pelo batismo e pela missa do que com a crença protestante de que somos salvos por meio da fé na Palavra divina da promessa do evangelho.⁶

Qual visão da oração é melhor? Qual é a forma suprema de oração, a adoração pacífica ou a súplica assertiva? Essa pergunta parte do pressuposto de que a resposta seja uma coisa ou outra, o que é improvável.

Comunhão e reino

Em busca de auxílio para entender a questão, devemos primeiro recorrer a Salmos, o livro de oração bíblico e inspirado. Nele encontramos bem representadas essas duas experiências de oração. Há salmos como o 27, o 63, o 84, o 131 e o “longo aleluia” que abarca os salmos 146 a 150, os quais retratam a comunhão com Deus por meio da adoração. Em Salmos 27.4, Davi afirma pedir em oração uma coisa fundamental: “contemplar a beleza do SENHOR”. Embora Davi na verdade orasse por outras coisas, no mínimo com isso quis dizer que nada é melhor do que conhecer a presença de Deus. Por isso declara: “Ó Deus [...] minha alma tem sede de ti; [...] Eu te vi no santuário e contemplei teu poder e tua glória. Porque teu amor é melhor que a vida, eu te louvarei” (Sl 63.1-3). Quando Davi adora a Deus em sua presença, diz que sua alma “se sacia dos alimentos mais ricos” (v. 5). Isso é de fato comunhão com Deus.

Há, no entanto, ainda mais salmos de lamentos, gritos de socorro e clamores para que Deus exerça seu poder no mundo. Há também expressões lancinantes de experiências da ausência de Deus. Vemos aqui de fato a oração como luta.

⁶Ibidem, p. 97-117. Na condição de protestante convicto, concordo com Donald Bloesch nesse ponto. Os protestantes creem na “suficiência” da Bíblia, ou seja, que o Espírito de Deus nos fala em sua Palavra. Timothy Ward escreve sobre “as Escrituras [...] como o meio pelo qual Deus amplia seu agir e, portanto, a si mesmo no mundo a fim de atuar, em relação a nós, de forma comunicativa”. Timothy Ward, *Words of life: Scripture as the living and active Word of God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2009), p. 113. Ward compara a visão da “suficiência” bíblica com a católica romana. Reformadores protestantes como Martinho Lutero e João Calvino ensinaram que o Espírito falava “por intermédio das próprias Escrituras”, não por meio do “centro eclesástico cada vez mais autoritário em Roma” (p. 109). Uma visão forte e reformada da suficiência das Escrituras exerce grande influência na moldagem da prática da oração. Os reformadores negavam tanto o ensino católico de que o Espírito fala por meio da igreja (interpretando as Escrituras) e não por meio da própria Bíblia, bem como a afirmação anabatista de que o Espírito concedeu novas revelações individuais além das Escrituras. Consulte na Confissão de Fé de Westminster (1646), 1.6, um resumo desse ponto de vista. As duas alternativas destroem a ideia da oração como um diálogo com Deus por meio da Palavra. A visão católica mina a ideia de que Deus fala diretamente a nós por intermédio da Palavra. A visão anabatista faz a mesma coisa. De acordo com ela (e depois com os quacres), ouvimos Deus nos falar principalmente em nosso coração.

Os salmos 10, 13, 39, 42, 43 e 88 são apenas alguns exemplos. O salmo 10 começa perguntando por que Deus “permanece longe” e “se esconde” em tempos de dificuldade. De repente o autor clama: “Levanta-te, Senhor; levanta tua mão, ó Deus. Não te esqueças dos necessitados” (v. 12). Todavia, em seguida parece se pôr a pensar em voz alta, ao mesmo tempo em que fala com Deus: “Mas tu, ó Deus, vê *sim* o sofrimento e a dor. Considera-os para os tomares na tua mão. [...] És o amparo do órfão” (v. 14, grifo do autor). A oração termina com o salmista curvando-se diante do tempo e da sabedoria de Deus em todas as questões, embora ainda clame ferozmente por justiça na terra. Esse é o embate da oração centrada no reino. O livro de Salmos, portanto, corrobora os dois tipos de oração: a que é “centrada na comunhão” e a que é “centrada no reino”.

Além de analisar orações reais da Bíblia, devemos considerar também a teologia da oração existente nas Escrituras — as razões presentes em Deus e em nossa natureza humana criada que nos tornam capazes de orar. Aprendemos nas Escrituras que Jesus Cristo faz o papel de nosso mediador a fim de que, embora não sejamos dignos por nós mesmos, possamos nos acercar com ousadia ao trono de Deus e clamar para que nossas necessidades sejam satisfeitas (Hb 4.14-16; 7.25). Aprendemos também que o próprio Deus habita em nós por meio do Espírito (Rm 8.9-11) e nos ajuda a orar (Rm 8.26,27), de modo que hoje, pela fé, já podemos fitar e contemplar a glória de Cristo (2Co 3.17,18). Assim, a Bíblia nos oferece base teológica tanto para a oração “centrada na comunhão” quanto para a “centrada no reino”.

Uma breve reflexão nos mostrará ainda que esses dois tipos de oração não se opõem nem mesmo pertencem a categorias distintas. A adoração a Deus acontece em meio à súplica. Louvar a Deus é orar “santificado seja o teu nome”, pedir-lhe que revele ao mundo sua glória para que todos venham a honrá-lo *como* Deus. Contudo, assim como a adoração contém a súplica, a busca do reino também deve incluir a oração para conhecer a Deus. O Breve Catecismo de Westminster afirma que nosso propósito é “glorificar a Deus e dele desfrutar para sempre”. Nessa frase tão conhecida vemos refletidas tanto a oração centrada no reino quanto a centrada na comunhão. Embora as duas coisas — glorificar a Deus e desfrutar dele — nem sempre coincidam nesta vida, no fim devem ser uma coisa só. Podemos orar pela vinda do reino de Deus, mas, se não desfrutarmos de Deus acima de todas as coisas, com todo o nosso ser, não o honraremos de verdade.⁷

⁷Veja como John Piper trata esse assunto em *Desiring God: meditations of a Christian hedonist* (Colorado Springs: Multnomah, 1987) [edição em português: *Em busca de Deus: a plenitude da alegoria cristã* (São Paulo: Shedd, 2008)].

Por fim, quando lemos o que vários dos maiores escritores da antiguidade — como Agostinho, Martinho Lutero e João Calvino — dizem sobre oração, vemos que eles não se encaixam com precisão em nenhum dos dois lados.⁸ Aliás, até o famoso teólogo católico Hans Urs von Balthasar procurou trazer equilíbrio à tradição da oração mística e contemplativa. Ele adverte contra o recolhimento excessivo. “A oração contemplativa [...] não pode nem deve ser uma autocontemplação, mas [sim] o voltar de olhos e ouvidos reverentes para [...] o Não-eu, ou seja, a Palavra de Deus”.⁹

Do dever ao prazer

Onde, então, isso nos coloca? Não devemos traçar uma linha divisória entre buscar a comunhão pessoal com Deus e buscar o avanço do seu reino nos corações e no mundo. Se as duas coisas permanecerem juntas, a comunhão não será apenas consciência mística sem palavras, por um lado, nem serão nossas petições um modo de obter o favor de Deus “com nossas muitas palavras” (Mt 6.7), por outro.

Este livro mostrará que a oração é tanto conversa *quanto* encontro com Deus. Os dois conceitos nos oferecem uma definição de oração e um conjunto de ferramentas para aprofundar nossa vida de oração. As formas tradicionais de oração — adoração, confissão, ações de graças e súplica — são práticas concretas bem como experiências profundas. Precisamos conhecer a reverência de louvar sua glória, a intimidade de encontrar sua graça e a luta de pedir sua ajuda, e tudo isso pode nos levar a conhecer a realidade espiritual de sua presença. A oração, portanto, é reverência *e* intimidade, luta *e* realidade. Tais coisas não acontecerão toda vez que orarmos, mas cada uma delas deve ser um componente importante de nossa oração no decorrer da vida.

O livro de J. I. Packer e Carolyn Nystrom sobre a oração tem um subtítulo que resume tudo isso muito bem. Orar é ir “do dever ao deleite”. Essa é a jornada da oração.

⁸Bloesch nota o “elemento místico persistente” no ensino de Lutero sobre a oração em *Struggle of prayer*, p. 118.

⁹Hans Urs von Balthasar, *Prayer* (Ignatius Press, 1986), p. 28, citado em Bloesch, *Struggle of prayer*, p. 118-9. Veja adiante, neste volume, mais discussões sobre os pontos de vista de Balthasar.

PRIMEIRA PARTE



Desejando a oração

UM

A necessidade da oração

“Não sobreviveremos”

Na segunda metade da minha vida adulta, descobri a oração. Tive de descobrir. No outono de 1999, ministrei um estudo bíblico do livro de Salmos. Ficou claro para mim que eu mal arranhava a superfície do que a Bíblia ordenava e prometia em relação à oração. Vieram então as semanas sombrias após o ataque de 11 de setembro de 2001 em Nova York, quando a cidade inteira afundou numa espécie de depressão clínica coletiva, mesmo enquanto se recuperava de tudo. Para minha família, as trevas foram mais intensas, uma vez que minha esposa, Kathy, lutava contra os efeitos da doença de Crohn. Por fim, fui diagnosticado com câncer de tireoide.

Em determinado momento no meio disso tudo, minha esposa insistiu em que fizesse com ela algo que nunca tivéramos autodisciplina para fazer com regularidade. Pediu-me para orar com ela todas as noites. *Todas* as noites. Ela usou uma ilustração que traduziu muito bem o que sentia. Pelo que me lembro, ela disse algo mais ou menos assim:

Imagine que você recebeu o diagnóstico de uma enfermidade tão letal que o médico lhe deu poucas horas de vida, a menos que tome determinado remédio — um comprimido toda noite antes de dormir. Imagine que ele lhe recomende não deixar de tomar o remédio uma noite sequer, senão poderá morrer. Você acha que se esqueceria de tomá-lo? Ou deixaria de tomá-lo algumas noites? Não. Seria tão crucial não se esquecer que você jamais deixaria de tomá-lo. Bem, se não orarmos juntos a Deus, não sobreviveremos a tudo o que estamos

enfrentando. Eu com certeza não sobreviverei. *Temos* de orar. Simplesmente não podemos deixar que isso nos saia da cabeça.

Talvez tenha sido a força da ilustração, talvez apenas uma questão de momento certo, talvez o Espírito de Deus. Ou, a hipótese mais provável, tenha sido o Espírito de Deus usando o momento e a clareza da metáfora. O fato é que de repente tudo ficou óbvio; percebemos a seriedade da questão e reconhecemos que qualquer coisa que constituísse uma necessidade verdadeiramente inegociável era algo que podíamos fazer. Isso aconteceu há mais de doze anos, e minha esposa e eu não nos lembramos de haver perdido uma única noite sequer de oração juntos, nem que seja por telefone, mesmo quando estamos longe um do outro, em hemisférios diferentes.

O desafio impactante de Kathy, bem como minha crescente convicção do simples fato de que eu não *entendia* nada de oração, levou-me a iniciar uma busca. Eu queria uma vida pessoal de oração bem melhor. Comecei a ler muito e a fazer experiências relacionadas à oração. Olhando à minha volta, percebi depressa que não estava sozinho.

“Será que alguém pode me ensinar a orar?”

Quando Flannery O'Connor, a famosa autora sulista, estava com 21 anos de idade e estudava em Iowa para se tornar escritora, buscou aprofundar sua vida de oração. Teve de fazê-lo.

Em 1946, começou um diário de oração escrito à mão. Nele narrou sua luta para se tornar uma grande escritora. “Quero muito ser bem-sucedida no mundo com a atividade que desejo desenvolver. [...] Sinto-me tão desencorajada com meu trabalho. [...] Mediocridade é uma palavra dura para aplicar a si mesmo [...]; no entanto, é impossível não fazê-lo no meu caso. [...] Ainda não tenho nada de que me orgulhar. Sou tão obtusa quanto as pessoas que considero ridículas.” Esse tipo de declaração pode ser encontrado no diário de qualquer aspirante a artista, mas Flannery O'Connor fez algo diferente com seus sentimentos. Orou a respeito deles. Trilhou um caminho muito antigo, como os salmistas do Antigo Testamento, que não se limitavam a identificar, expressar e desabafar seus sentimentos, mas também os processavam com sinceridade brutal na presença de Deus. Flannery escreveu sobre o

... esforço empenhado nesse domínio artístico em vez de pensar em ti e de me sentir inspirada pelo amor que gostaria de ter. Querido Deus, não consigo amá-lo